

PARQUE

E

CENTRO

SETEMBRO - OUTUBRO - 1.971

0590



P A R Q U E & C E N T R O

P U B L I C A Ç Ã O
DO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E RECREIO

Responsável: Nora Lúcia Moreira

ANO III

SETEMBRO E OUTUBRO

1971

Í N D I C E

Mensagem aos Professôres	1
Aspectos Econômicos da Educação	2
Antes de Inspeção... SUPERVISÃO	7
Como Controlar a Criança	11
A Educadora, Sua Missão	12
BRASIL	14
A Criança e a Pátria	20
Jogos Recreativos	21
Só Se Nada em Água Que Se Bebe	23
Valores das Atividades Dramáticas	27
Jogos Dramáticos	30
Resenha Bibliográfica	33
Recreação Infantil	34

NOTICIÁRIO

1 - Nova Meta	49
2 - Semana de Estudos Sôbre a Lei 5 692, De 11/8/1971	50
3 - Aniversariantes dos Mêses de Novembro de Dezembro	51

/*/*/*/*/*/*

/*/*/*/*

M E N S A G E MA O S P R O F E S S O R E S

Dalva da Rosa Dupuy

MÊS DE OUTUBRO... DIA DO PROFESSOR!... QUANTA LEMBRANÇA FELIZ, NA SAUDADE DO PASSADO E NA ESPERANÇA DO PORVIR!

É A VOLTA AOS DIAS RISONHOS DE MENINICE, PELOS CAMINHOS ENSOLARADOS OU PALMILHANDO A GEADA DAS MANHÃS FRIAS, EM DEMANDA DA ESCOLA, ONDE A MESTRA AMIGA NOS COMUNICA SUA ALMA E CORAÇÃO, NA DÁDIVA SUBLIME DO AMOR!...

É A EVOCÇÃO DOS SONHOS JUVENIS, PERDIDOS NAS BRUMAS LONGÍQUAS DA ADOLESCÊNCIA, QUANDO OS OLHOS SE NOS ABREM PARA O ESPLENDOR DA VIDA!...

E ESSAS RECORDAÇÕES DEVEMO-LAS AOS PROFESSORES, OLHEIROS MÁGICOS, COPARTICIPANTES DA OBRA FORMADORA DA EDUCAÇÃO, CONDUTORES DE INTELIGÊNCIAS E VONTADES, NAS SENDAS ÁSPERAS DO PROGRESSO.

É MISTER, POIS, LHEZ DIREJAMOS, NESTE INSTANTE, NOSSA MENSA GEM DE FÉ E DE ESPERANÇA.

CREMOS NA CAPACIDADE DE DOAÇÃO DAQUELES QUE, ATRAVÉS DE TÔDAS AS VICISSITUDES, DOURADOS AO SOL DA PRIMAVERA OU AÇOITADOS PELOS VENTOS DO INVERNO, ESTÃO SEMPRE PRONTOS PARA A ÍNGREME ESCALADA DO DEVER E A BUSCA SUPREMA DOS BENS ETERNOS.

CREMOS NAQUELES A QUEM ESTÁ CONFIADA A OBRA REDENTORA DA EDUCAÇÃO, PELA SUA INTEMERATEZ MORAL E DEDICAÇÃO INTEGRAL À JUVENTUDE.

CREMOS NOS PROFESSORES QUE NÃO ESMORECEM, ANTE OS IMPECILHOS DO CAMINHO, NEM EMUDECEM, COM O FRAGOR DA TORMENTA, MAS SE ESFORÇAM, BATALHAM E PRATICAM A JUSTIÇA, A ADMIRAÇÃO E O ENTUSIASMO.

POR ISSO, DEPOSITAMOS EM SUAS MÃOS, COMO PENHOR SAGRADO, O PASSADO COM TÔDAS AS TRADIÇÕES, O PRESENTE COM TÔDAS AS INCERTEZAS E O PORVIR COM TÔDAS AS ESPERANÇAS.

AOS PROFESSORES, POIS, COM A TERNURA E CARINHO DE TODOS OS INSTANTES, A GRATIDÃO COMOVIDA DE TÔDAS AS GERAÇÕES!



ASPECTOS ECONÔMICOS DA EDUCAÇÃO

Economia é o estudo das condições e consequências dos processos de decisões para a produção de bens e sua repartição. É a economia que examina a maneira pela qual os recursos reais são empregados para satisfazer as necessidades de uma comunidade e o modo pelo qual o sistema adotado influi na vida de cada um e na de todos. Uma política econômica bem fundamentada, isto é, fundada, supõe uma política educacional que possa mantê-la e justificá-la. Desta maneira os planos da política educacional terão de desenvolver-se conjuntamente ou de dar-se mútuo apoio.

Em outras épocas o que o Estado gastasse com Educação era considerado como verdadeira subtração à economia. Pouco a pouco as maiores despesas com a educação deixaram de ser simples consideração de cunho humanitário ou aspirações de ordem política. Assim, em 1936, Keynes, um dos reformadores dos estudos econômicos de nosso tempo veio a opinar: " a educação pública representa o fator ativo do processo econômico, por isso que leva a crescer a produção e a fazer compreender os princípios de uma conveniente e justa distribuição dos bens que se produzam". Ao considerar os aspectos econômicos da educação temos que assinalar:

- a) as diferenças regionais no tocante à vida econômica;
- b) mudança da economia agrária para a economia industrial, embora Jacques Lambert considere o Brasil ainda um país agrícola porque a agricultura apesar de uma produtividade geralmente baixa contribui muito mais para a renda nacional do que a indústria. É a indústria a válvula de escape para resolver a crise econômica brasileira.
- c) consequências da industrialização modificando a fisionomia sócio-cultural (formação do operariado especificamente conforme a indústria) fortalecimento da classe média, aparecimento de uma burguesia industrial, ascensão social buscada através de negócios e muito através da escola.
- d) daí a valorização da educação que passou a ser desejada por todos os que nela vêem um meio garantido de ascensão social.



- e) valorização dos brasileiros às coisas brasileiras, segundo Maria José Werebe os brasileiros agora descobriram o Brasil ou melhor, o mesmo foi descoberto pelos portugueses e redescoberto pelos brasileiros;
- f) verificação de que o Brasil é um país rico em recursos naturais, porém ainda muito pobre em recursos econômicos, dado a aspectos que mais adiante serão focalizados;
- g) partindo daí o desejo de caminhar, pela necessidade que existe, pois o Brasil precisa atender às solicitações urgentes;
- h) grande esperança de progresso e libertação pela exploração do petróleo, abertura de estradas gigantescas, tais como Brasília-Belem, Brasília-Fortaleza, Brasília-Acre, e agora a poderosa Transamazônica ligando Rio Grande do Norte ao Peru, passando por todo o Amazonas.

Observa-se o intenso esforço que está sendo feito para poder progredir e assim influir de maneira categórica nos aspectos econômicos da educação.

- i) fixação pelo artigo 169 de quotas na Constituição Federal: "anualmente a União aplicará nunca menos de 10% à Educação, assim como os Estados, Distrito Federal e Municípios deverão aplicar 20%. Infelizmente não há um cumprimento à risca.
- j) quanto à obrigatoriedade escolar: o Brasil ao mesmo tempo que obriga, negligencia porque não tem infelizmente condições de atender. Existem inclusive cláusulas na lei.

Nos países mais adiantados foi possível a obrigatoriedade quando passaram a considerar o ensino primário importante tanto do ponto de vista social, como econômico. Isto coincidiu com o advento da revolução industrial que veio impor exigências educacionais maiores. Isto aconteceu na Prússia, França e Estados Unidos. Se analisarmos bem, o Brasil agora é que entra em revolução industrial (século XX).

Todos os aspectos econômicos da educação estão ligados indiscutivelmente a situação atual de nossa Pátria que ainda subdesenvolvida, com grande tendência a ascensão, possui sérios obstáculos ao seu progresso tais como:

- a) grande extensão territorial;



- b) diversidades geográficas, hidrográficas, climáticas, econômicas, sociais (extremos: favelas e mansões);
- c) contraste de gerações (jovens e velhos), contrastes em educação (elite intelectual ao lado do analfabetismo);
- d) desigualdade demográfica - pequena população em relação à extensão e lugares super povoados em extensão menor.

Casos típicos: Norte - área enorme - população pequeníssima.

Sul - área pequena e super povoado.

- e) maior crescimento do que a mortalidade infantil. De siquilíbrio etário que hoje significa peso, mas será futuro fator de progresso;
- f) necessidade de assistência educacional;
- g) problemas de urbanização: escoamento da zona rural para a urbana;
- h) deficiência na comunicação que constitui sério entrave às exigências educacionais (aumento das escolas);
- i) dispersão demográfica e a falta de comunicação afetam seriamente o problema educacional, criando dificuldades para se instalar rede de escolas em certas regiões.

C O N C L U S Õ E S

Necessidades prementes: Com um grande planejamento e previsão:

- a) incentivo cada vez maior à indústria para que se dinamize este aspecto que sem dúvida afetará os problemas de educação (doações, impostos menores para pequenas indústrias, etc);
- b) abertura de estradas, dando condições de vida aos habitantes (assistência médica, alimentar e cultural);
- c) incentivar e dar condições à zona rural para não haver escoamento;



- d) tornar realidade a frase:- "Educação é direito de todos , conforme L.D.B., pois todos exigem educação: o povo busca na escola a justiça social que antes lhe era negada pelo privilégio de alguns. A ânsia de saber já é indício de que a consciência coletiva está sendo invadida por valores culturais novos.
- e) cumprir realmente o art. 169 que fixa as quotas destinadas à Educação: segundo últimas pesquisas o Brasil está gastando regularmente, considerando ser um país pobre e possuir renda pequena (Japão gastou 4,5% enquanto o Brasil 2,5% e Estados Unidos 2,9% de 1948 a 1951);
- f) visar a meta qualitativa e não quantitativa em relação às escolas, corpo administrativo e docente;
- g) aproveitar o elemento certo dentro do lugar certo ou seja por exemplo o indivíduo técnico em estudos rurais, em locais rurais, ou técnicos preparados para a zona urbana deverão exercer suas atividades nos centros urbanos;
- h) desta maneira o mesmo deve acontecer com os materiais a serem destinados a educação e não como tem sido até agora onde o ensino primário de uma zona rural é o mesmo de uma zona urbana e o escolar do alto sertão utiliza livros em que se fala do mar, das cidades, dos arranha-céus, tudo aquilo que lhe pode parecer estranho e na realidade o é;
- i) fazer cumprir obrigatoriedade escolar, porém podendo atender-lá, para não negligenciar.
- j) não esquecer que o progresso depende de dois fatores:- dinamismo demográfico e condições de atendimento.

Felizmente sentimos que o Brasil atravessa uma difícil porém áurea fase. Para exemplificar citaremos o que ouvimos comumente e já até nossos pequenos alunos comentam:- Transamazônica, Estradas, Mobral, Descentralização, Grupos de Trabalho em estudo para melhor realizar e o importante é o que todos temos sentido: mãos irmanadas para juntos caminharmos, vislumbrando para esta terra maravilhosa, um futuro de porvir, realmente onde veremos os nossos objetivos alcan-



çados. Onde não lêssemos mais a faixa "sub-desenvolvido" e sim "desenvolvido". Onde seja conscientizada a frase: "EDUCAÇÃO NÃO É DESPESA" mais sim um investimento rendoso a longo prazo.

B I B L I O G R A F I A:-

WEREBE, Maria José Garcia - Riquezas e misérias do Ensino no Brasil.

LAMBERT, Jaques - Os dois Brasis.

LOURENÇO FILHO - Organização e Administração Escolar.

Problemas Brasileiros - Revista Mensal de Cultura.

Maria de Lourdes F. Pedroso
Ed. Recreacionista
Responsável pelo Setor Audiovisual
Secção Técnico Educacional

ANTES DE INSPEÇÃO...SUPERVISÃO

María Braz
(Diretora da Div. de Educação Funda-
mental - SESI).

Consideramos que há muitos meios de estimular e garantir a melhoria e desenvolvimento dos mestres em serviço. Cremos que a oportuna orientação científica, quando os educadores estão frente do problema de converter a teoria em prática, é uma das mais eficazes e imediatas das obrigações dos diretores, inspetores e assessôres escolares.

Os supervisores de ensino devem pôr todo empenho nesse trabalho de orientação prática e científica. O sentido de supervisão não é o de inspeção, mas o de ajuda técnica amável e oportunamente proporcionada aos profissionais do ensino.

O termo supervisão é o que devia, em nossos tempos, ser empregado, mudando-se assim o nome e as funções de "inspeção", porque estes não correspondem ao grau de evolução de nosso sistema social e educativo.

A palavra inspetor, pelo mau uso que se tem feito dela, aplicando-a para designar pessoas que em tempos anteriores se dedicaram exclusivamente a um trabalho de sanções, já é arcaica e inapropriada na terminologia educativa de hoje. Cremos que a palavra supervisão é mais apropriada para o caso, porque dá idéia de uma função caracterizada pela amabilidade, investigação de causas e situações, ajuda moral, científica e profissional.

O supervisor escolar deve:

- possuir agradável personalidade;
- ser consciente, amigo e entusiasta;
- ser preparado profissionalmente e estar mais ou menos em dia em matéria de informação pedagógica;
- ser capaz de afrontar os problemas praticase cientificamente sem dedicar-se só a rezar princípios carentes de aplicação;



- considerar que todos e cada um dos professôres, por competentes que sejam, necessitam de ajuda em certas circunstâncias;
- ter por obrigação fazer-se compreendido pelo pessoal para que este seja receptivo e conhecedor de suas necessidades;
- estimular o desenvolvimento profissional do professorado fazendo-o participar de reuniões, investigações científicas, discussões sobre obras pedagógicas e problemas educativos.

Supervisão, em geral, quer dizer: coordenar, estimular e dirigir a atuação dos professôres para que, por meio dêles, estimulem cada educando a participar completa e inteligentemente na sociedade a qual pertence. A supervisão tem por objeto o desenvolvimento profissional dos mestres a fim de que, livres da rotina e educados para fazer uso de seu espírito investigador, possam enfrentar cientificamente os problemas que se apresentam no campo da prática.

Supervisão não é trabalho puramente de vigilância e muito menos situação despótica entre chefe e subalterno, mas sim estado de mútuo entendimento, simpatia e cooperação.

Eis aqui uma curta enumeração dos muitos propósitos de todo supervisor escolar:

- 1 - aprofundar nos mestres o conceito e a técnica da educação moderna;
- 2 - formular, em companhia do pessoal, uma aplicável filosofia da educação;
- 3 - pôr os professôres em contacto com condições e necessidades da comunidade;
- 4 - unificar o trabalho da escola para que haja harmonia docente com o fim de alcançar os mesmos objetivos gerais;
- 5 - descobrir e estimular as capacidades de cada membro do pessoal para tirar maior vantagem destas em favor da educação;
- 6 - iniciar e orientar os novos professôres no exercício de sua profissão;



- 7 - ajudar os educadores a analisar criticamente seu próprio trabalho;
- 8 - despertar em cada subalterno a ambição pelo progresso / profissional;
- 9 - interpretar e aplicar os programas escolares;
- 10 - efetuar mudanças nas disposições administrativas quando estas facilitem o trabalho docente;
- 11 - ajudar os mestres a melhorar sua técnica de ensino, assistindo-os em seus problemas;
- 12 - medir e avaliar os resultados da educação;
- 13 - investigar e corrigir as causas dos problemas disciplinares;
- 14 - desenvolver boas relações entre os membros do pessoal, alunos, pais e autoridades locais;
- 15 - deve ser um processo constante e progressivo como parte integrante da educação.

Uma das mais antigas definições de supervisão é a proposta por E.C. Elliot: "A supervisão escolar trata do que se deve ensinar, como se deve ensinar, quando deve ser ensinado, a quem, por que e com que propósitos". Essa definição tem evoluído, dando-se mais importância ao aspecto democrático em seu propósito e conteúdo.

Em termos gerais podemos dizer que o objeto da supervisão é o melhoramento do trabalho educativo.

Briggs classifica a supervisão em: corretiva, preventiva, construtiva e criativa.

A supervisão corretiva só trata de localizar defeitos e erros para corrigi-los; geralmente cuida dos sintomas em lugar de investigar as causas dos problemas para considerá-los cientificamente.

O importante nessa supervisão seria a habilidade de não se descobrir erros que mereçam correção, mas também o reconhecimento dos méritos que merecem estímulo e aprovação.

A supervisão preventiva segue a máxima: "Prevenir vale mais que remediar". Evitar-se os problemas antes que apareçam. Esta modalidade nem sempre é aplicável, pois nem todos os problemas podem ser previstos.

A supervisão preventiva tem a vantagem de evitar que o professor perca a confiança em si mesmo, ao cair em sérios fracassos, devido a sua pouca previsão.

A supervisão construtiva trata de desenvolver a personalidade e a técnica do educador para que possa dar tratamento especial a cada problema que apareça. Substitui as práticas viciadas por novas, evoluindo-as de modo a fazer com que cada dia seja melhor o que se praticava bem.

A supervisão criativa estimula o pessoal para um trabalho criador, considera cada mestre como um artista da educação. Arte significa alta qualidade de ação que se elabora com precisão e harmonia. Assim, quando a educação é bem praticada, também constitui uma arte; e uma arte complicada, pois trata de uma obra criadora onde o artista do ensino faz uso da inspiração, amor, sabedoria e habilidade. Preparar o professor para esta classe de trabalho é o objeto de supervisão, mas esta só se consegue quando o supervisor é também um artista da educação. O supervisor é neste caso um estimulador e um orientador mais que um simples localizador de faltas e defeitos.

A supervisão é criadora quando estimula a cada educador para desenvolver-se profissionalmente e desta forma, cada educador deve sentir-se livre para dar sua genuína colaboração ao programa de melhoramento educacional. A supervisão escolar é em seu verdadeiro sentido, uma ajuda técnica, amável e oportunamente proporcionada.

Uma supervisão científica é democraticamente desenvolvida, é bastante difícil mas são reais suas vantagens para a educação.

A supervisão escolar, como todas as ciências sociais, deve acompanhar o processo evolutivo seguido pelas ciências e, ainda mais, deve tirar vantagens utilizando-as e colaborando com elas em benefício de uma sociedade melhor.

Da Revista:

ESCOLA (SEST)

//*/*/*

*/**/*

*

COMO CONTROLAR A CRIANÇA

Dr. Isaac Mielnik



Um dos problemas que mais preocupam os pais é a maneira de controlar os filhos. Contudo devemos esclarecer que tudo é simples quando iniciado simplesmente, como tudo pode tornar-se complicado quando se começa do meio para o fim. Com a criança seguimos o mesmo fio de raciocínio: se iniciamos a orientação infantil cêdo e aproveitamos a natural inclinação da criança a obedecer, a imitar as ações dos adultos, teremos menos trabalho do que se resolvermos fazer o mesmo com uma criança já mal acostumada, rebelde e incontrolável.

Bem diziam nossos antepassados: "de pequenino se torce o pepino". Mas há adultos que desejam que se torça quando já quase pronto. Assim sabe a mãe que há por parte da criança uma fase em que a mesma se mostra inclinada à imitação e que essa fase convenientemente aproveitada levará ao contrôle mais fácil das atitudes infantis. Assim, por exemplo, sabemos de crianças que se recusam terminantemente a escovar os dentes. À parte caso das gengivas tumefactas e dolorosas com brotos dentários para irromper, tais casos de recusa na escovação dos dentes fazem lembrar que essa mesma criança já teria atravessado uma fase em que pedia aos pais uma escovinha de dentes e teria se mostrado muito ansiosa por imitar os gestos adultos.

Contudo aquela oportunidade perdeu-se porque os adultos não souberam interpretar o momento psicológico exato para incultar na criança um bom hábito baseado na imitação do adulto. Preferiu-se frustrar a criança negando-lhe naquela ocasião uma escovinha e um pouco de dentifrício para chegar hoje ao sistema de coação pela ameaça, ralho e mesmo castigo. O mesmo acontece com o comer.

Há um período em que a criança deseja alimentar-se sozinha. Negam-lhe essa oportunidade porque a acham pequena demais, e além disso "faria muita sujeira na mesa". Pois bem, perdeu-se uma ótima oportunidade de independência da criança, deixando-a aprender a comer sozinha. Mais tarde, quando exigirmos que se alimente, recusar-se-á por haver perdido o interêsse na imitação dos adultos.

Os pais têm sempre a melhor das intenções. Não sabem entretanto conduzir-se de maneira a não frustrar tanto e com tal frequência a criança. Aquêles que não acompanham o desenvolvimento infantil e suas fases, aquêles que se orientam exclusivamente pela inspiração do momento para educar e controlar os filhos, ver-se-ão a braços mais cêdo ou mais tarde com situações problemáticas envolvendo o contrôle e a disciplina infantil.



Acreditamos sinceramente que seja fácil adotar uma certa coerência no trato da criança desde cedo. Essa atitude do adulto dará à criança muito mais confiança e segurança em sua conduta. É possível educar com amor e firmeza, sem cair no exagero de contrariar constantemente todas as vontades infantis, apenas pelo mau hábito dos adultos de dizer NÃO a tudo que a criança deseja.

//*/*

/

A EDUCADORA, SUA MISSÃO

Colaboração da educ. recreac.
Iracema Mattar

A missão de educar quando é movida pelo amor, dá à educadora estímulos e uma disposição de alma que faz confundir o trabalho / com o ideal.

A criança, móvel principal da educação, é um ser frágil, puro e sincero, que necessita de apoio seguro e muito amor. A educadora irá com segurança transmitir à esta jóia não lapidada os conceitos de auto-defesa social contra os males e os vícios, bem como os elementos que promovem a maior aproximação entre os homens, transformando num adulto como qualquer outro, digno de uma preparação adequada.

Quando a educadora instrui um educando, conhecendo-o psicologicamente em todos os seus problemas, terá que receber a cooperação da mãe no bom sentido de que esta educação caminhe paralelamente em harmonia sem que a criança dependa de uma e outra.

A função de uma educadora é sublime, pois a criança recebe o carinho, o amor e a compreensão, na ausência da sua mãezinha e com isso não sente a falta porque tem a seu lado uma professora preparada para continuar o bom ambiente.

Amor, elemento fundamental e necessário à educadora que além de seu papel de instruir, terá que conhecer psicologicamente, com



seu carinho, os seus discípulos nas suas diferentes atitudes, dando-lhes a atenção adequada e necessária.

Que maravilhoso sentir-se útil! Transmitir à criança insegura o amor ao próximo, à Pátria, enfim, os preceitos da solidariedade humana a ponto dela utilizar seus conhecimentos adquiridos de alguma maneira, na solução de novos problemas que aparecerão na vida escolar ou prática.

É necessário acentuar o termo amor porque, como sabemos, somente êle poderá trazer benefícios à humanidade, uma vez que nos dias que caminhamos nota-se pequena dose dêste elemento e às vezes ausência completa do mesmo.

Como a educação requer muita paciência e abnegação, / por apresentar muita variação nas atitudes das crianças, convém reforçar dizendo que além do preparo da educadora, o amor tem a possibilidade de colaborar ao bom resultado.

Unidos,, venceremos educando, instruindo e mesmo amando.

*/**/*/*

/

B R A S I LORGANIZAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL ADMINISTRATIVA

(PARA JOGRAL)

(Coreografia: INEZITA BARROSO)

Desde o 1º século
E durante todo tempo colonial
A sociedade brasileira
Foi iminentemente rural.

1,2

O clã rural brasileiro
Era pacífico e patriarcal
Além da senhorial classe
Havia a plebe colonial.

1,2

Não se omitindo contudo
E com alguns justos agravos
A tristemente famosa
Extensa classe dos escravos.

1,2

Nessa época o Estado
Era como um todo inteiro
Os poderes misturados
Eram o rei, sem ter parceiro.

1,2

Da capitania o chefe
Era o governador
Que a deveres se obrigava
A coroa o seu penhor.

1,2

Direitos também êle os tinha
De tal ordem e de tal porte
Que em julgar so não parava
Ia até a pena de morte.

SOLO - E além do capitão mor?

Côro - Em 3 grupos podem ser classificados os demais órgãos da capitania.

SOLO - 1º

Côro - Os militares.

SOLO - 2º

Côro - Cíveis e judiciários.

SOLO - 3º

Côro - Fazendários.

SOLO - Qual era o órgão mais importante da administração civil?

Côro - Era o Senado da Câmara, que em determinadas regiões do país alcançou o lugar principal entre as autoridades das capitanias.

SOLO - E como eram decididas as questões judiciárias nos 1ºs. anos do Brasil?.



Côro - As questões de maior importância eram decididas pelos tribunais do reino.

Em assim sendo os assuntos brasileiros demoravam dezenas de anos para serem resolvidos.

Solo - E foi sempre assim durante todo Brasil Colônia?

Côro - O quadro se modificou, e era assim constituído:

Solo - Primeiramente...

Côro - Magistrados de 1ª instância.

Solo - A seguir...

Côro - Tribunais de 2ª instância.

Solo - E por fim...

Côro - A casa da Suplicação ou Tribunal de última instância.

Do terreno espiritual
Passaremos a tratar
Pois sôbre a sombra da cruz
Principiamos caminhar.

1,2

A Bahia por mais de um século
Foi sede do único bispado
E daí por diante foi sempre
Em diocese aumentado.

1,2

A igreja entretanto não tinha
Nesse tempo independência
Mantendo o Reino a mesa
Das ordens e consciência.

1,2

Aos franciscanos, carmelitas,
beneditinos, jesuitas
pela ajuda oferecida
na colonizadora lida
nossa melhor gratidão

1,2

A formatura em Coimbra
Grande cabedal custava
Mas aqui, os conventos se abriam
Aos que o dinheiro faltava

1,2

Não era só nas missões
que os jesuitas atuavam
Também o trabalho agrícola
Irmãos de Anchieta guiavam

1,2

Pessoas mais ilustradas
Lojas maçônicas frequentavam
Ali idéias programas
Pouco a pouco germinavam

1,2

E os maçons que na Colônia
Exerceram certa influência
Ativamente estiveram
Presentes na Independência

1,2

Bem antes disso D. João
A classe do trãnd ampliou
Sungiu a nobrezãllosal
Com os títulos que êle espalhou.

1,2

Formou-se de afogadilho
 Uma elite oficial
 Era porem das elites
 A mais promiscua e desigual

1,2

Das capitancias, a gente
 Inculca mais abastada
 Passou a seguir os modos
 Da capital afetada.

1,2

O que é Urbe o que é Linhagem?
 O que é Elite e engrenagem?
 O que importa coisas tais?
 Para os novos sociais?

1,2

Conde barão, e visconde
 Tropeçavam no marques
 Era tudo tentativa
 De um reino não português.

1,2

Mas o povo alheio a tudo
 Não pensava em cortejar
 So pensava em bem logo
 Sua patria libertar.

Contando com Pedro, o regente
 O povo seguiu a frente
 E selou a sua sorte
 no Independência ou Morte!

1,21,21.

IMPÉRIO

Proclamada a Independência
 Surgiram as províncias do Estado
 Que no Imperio obedeceram
 Das capitancias o traçado.

1,2

Dezenove inicialmente
 Eram as províncias imperiais
 Desmembrada a Cisplatina
 Registraram-se duas mais.

1,2

Contando a Independência
 Com dois anos de vigência
 Ganhou um presente serio
 A Constituição do Imperio

1,2

Ela dividiu o poder
 Para os dias de labor
 Legislativo Executivo
 Judiciário, moderador.

SOLO - A Constituição de 1824, deu ao país uma organização unitaria.

As províncias ficaram, por isso, subordinadas ao poder central, tanto em matéria administrativa, quanto em matéria financeira.

Côro - E as províncias? Jamais tiveram maior autonomia?

SOLO - Sim, 10 anos depois a Assembléa Geral, promulgou o ato adicional.

Esta lei concedeu maior autonomia às províncias as quais, continuaram governadas por um presidente nomeado pelo monarca.

Mas puderam eleger assembleias legislativas, com mandato de dois anos e com direito de elaborar leis sobre:

Côro - Divisão civil, judiciária e eclesiástica local.
 Instrução pública, desapropriação de interesse municipal.

SOLO - E mais... orçamento, despesas, impostos provinciais ou municipais.



Sabemos de longa data
E não esquecemos jamais
Que o latifundio agrícola
Forjou o poder atuante
Dos grandes senhores rurais.

1,2

Era o grande criador
E o magno numerador
Configuradas no empenho
Aumentada dia a dia
De impor a supremacia
Dos famosos senhores de engenho

1,2

Os potentados rurais
tinham agora vigilância
Autoridades regionais,
os espreitavam a distância

1,2

Em oligarquias assim
indispensável seria
que o Poder Central se cuidasse
contra quem poder pretendia.

1,2

Um mundo em miniatura
Nas hostes da agricultura
Começou a se esboçar
Tal qual a canavieira
O café deitou esteira
E um novo senhor fez brotar.

1,2
Brotava uma nova classe
Dos potentados rurais
Que lembravam no esplendor
Os tempos das cortes reais.

1,2

Todos os ciclos históricos
têm suas horas contadas
e a reação logo veio
na guerra dos emboabas

1,2

Quando a febre do ouro passou
e as lavouras resurgiram
os senhores rurais, conformados
acataram o poder público
que mentes sensatas erigiram

1,2

Outra lei então nasceu
Chamou-se Interpretativa
Por ela o Poder Central
Afirmava-se afinal
De forma definitiva.

1,2

Surgiu do Brasil, a terceira
Geração aristocrática
E surgiu pra perdurar
Fazendeiros do café
Por essa aristocracia
passaram então a lutar.

1,2

SOLO - Como eram então por essa época constituídas as forças atuantes da política partidária no Brasil?

Côro - Partidos políticos realmente estruturados, só mesmo a partir da Regencia Trina.

SOLO - E os amigos do Governador?

Côro - Isolaram-se e mantiveram-se retraídos.

SOLO - E os antigos oposicionistas?

Côro - Dividiram-se em dois grupos: os moderados ou chimangos e os exaltados ou pirujubas.

Em 1835 o chimango Padre Diogo Antonio Feijó, foi eleito representante único.

Seus companheiros criaram o partido Liberal, enquanto os opositores fundavam o partido Conservador.

SOLO - Qual dos dois partidos esteve por mais tempo no poder?



Côro - Por vinte e dois anos o Conservador, o Liberal por 23. . .
Tanto um como outro exerceram-no em períodos alternados.
Houve ainda 5 anos de Conciliação, quando os dois, Con-
servadores e Liberais estiveram conjuntamente no poder.

SOLO - E quando a República foi proclamada quem estava no poder?

Côro - Os Liberais.

.....
R E P Ú B L I C A
.....

Novas idéias brotaram
Com a abolição do cativoiro
era o sistema sonhado
pelo povo brasileiro

1,2

1,2
O partido Liberal
Liderou o movimento
Que aguardou pra deflagar-se
O tão aguardado momento

1,2

Esse momento se deu
Foi a 15 de novembro
Data essa memorável
Que anualmente relembro

As antigas províncias do Império
Passaram a ser doravante
República Federativa
Da colônia já distante

1,2

SOLO - E a 1ª Constituição Brasileira?

Côro - A 24 de fevereiro de 1891 era promulgada pela Assembléia
Constituinte do Brasil, a 1ª carta magna.

SOLO - O que de mais relevante estabelecia o documento?

Côro - Federação dos 20 estados; Sistema Presidencialista, e os 3
ramos do Poder: executivo, legislativo, judiciário.
— Somos nós que desta vez perguntamos: Até quando vigo-
rou essa inicial carta magna?

SOLO - Vitorioso o movimento revolucionário foi ela revogada em
1930, e o país passou a ser administrado por um governo pro-
visório.

E outra vez em fevereiro, mas agora de 1934 era promulgada
a 2ª Constituição da República.

Côro - Quais as alterações hevidas nesse novo documento?

SOLO - A inclusão de capítulos relativos à Ordem Económica e So-
cial; A família, Educação e Cultura.

Côro - Sabemos que pouco mais de 3 anos a 2ª vigorou. Recordemos
então a seguinte chamada: A do Estado Novo.

SOLO - A lei maior de Getúlio, que 8 anos durou, apresentava de novo
as alterações seguintes:



- Côro** - Direito de promover e orientar a política legislativa, bem como a política interna e exterior.
- SOLO** - Direito de dissolver a câmara e expedir Decretos-Leis, e mais ainda.
- Côro** - O direito de indicar o seu sucessor.
- SOLO** - Em outubro de 45, um movimento militar depunha Getúlio Vargas e, em outubro de 46 os representantes do povo brasileiro "reunidos sob a proteção de Deus em Assembléia Constituinte para organizar um regime democrático" decretaram e promulgaram a Constituição Brasileira de após ditadura.
- Côro** - Em março de 1964, o povo saiu às ruas, pedindo às Forças Armadas, pra por côbro aos desmandos da Federal Administração.
- SOLO** - E um Brasil novo brotou, pelos caminhos traçados por homens deveras capazes, recrutados febrilmente por quantos participaram da Revolução de março.
- Côro** - E o nosso Brasil de hoje, de Medici, o Presidente, é uma Nação confiante, tem passadas de gigante.
- SOLO** - E o que se vê é o resurgir do civismo nos lares e Escolas do país. É a juventude erguendo e desfraldando com orgulho o até pouco olvidado auriverde pendão.
- Côro** - Sim: é o milagre do saneamento das finanças. São soluções corajosas visando a tão sonhada democratização do ensino.
- SOLO** - É a pátria brasileira novamente respeitada pela imensa legião dos filhos seus, e por todos os povos estrangeiros.
- Côro** - É o Brasil da Transamazônica. É o berço abençoado, embalado pelo minuano. É o rincão do Homem do meu tempo que se cansou de viver e sonhar e passou a trabalhar transformando os sonhos mais caros na mais paupável realidade.

BRASIL EU FICO e me alisto no mutirão de seus artífices

- SOLO** - De todos os cantos da Pátria adorada, são vozes de crianças de jovens, de adultos, e de todos os nossos maiores, no mais retumbante coral que a raça já pudera ouvir bradando em uníssono:

BRASIL CONTE COMIGO;
BRASIL EU TAMBÉM FICO!

- Côro** - Brasil de hoje, também me alisto.

Colaboração de: SÔNIA DALTRIMOREIRA,
THEREZINHA CORAZY DE GODOY e outras
alunas do Curso de Pedagogia.



A CRIANÇA E A PÁTRIA

Pátria, és um organismo gigantesto!

E a teu serviço milhares e milhares de células indicam que existe dinamismo, existe vida à qual dão continuidade.

Adultos e crianças eis que são: células maduras e novas!

E uma célula nova, quanta propriedade conserva e quanta energia para dar!

És tu criança essa nova célula!

Tão pequenina, frente ao gigantesco organismo da Pátria; mas... ouve criança, ouve célula nova e nunca esqueças: "ela, a Pátria, precisa de ti".

Pais e professores ministrando educação, isto é, aquilo tudo que te fará produzir cada vez mais, abrir-te-ão os caminhos, aumentar-te-ão os campos de ação e com isso, a Pátria, êsse grande organismo crescerá! Não em extensão, mas em conteúdo.

E serás tu, criança, a renovação viva! a essência do triunfo e chegarás à plenitude do conhecimento!

Pátria e criança! duas palavras; a primeira encerra o lutas, tradição, vitórias e conquistas mil; a outra tendo dentro do coraçãozinho o potencial a ser desenvolvido! o campo onde pais e mestres semearão.

Que plantas surgirão das sementes lançadas?

A PÁTRIA NOS DIRÁ.

HILDA FERLA.

Dirigente - P. L. 100

"Cruz das Almas"



J O G O S R E C R E A T I V O S

Waltér Giro Giordano.
Prof. Escola Superior de Ed. Física

GENERALIDADES

Os jogos se constituem em um meio eficaz de alcançar muitas das finalidades da Educação Física. Eis algumas de suas valiosas contribuições:

1 - Desenvolvimento Físico

Através do trabalho de grandes massas musculares, da ativação das funções orgânicas e do desenvolvimento da elasticidade articular.

2 - Desenvolvimento Psicológico

Quando uma criança joga, raciocina rapidamente e procura fazê-lo de maneira correta, diante das diversas situações que se apresentam. Isto equivale a uma ginástica mental que aviva sua inteligência. A repetição dessas oportunidades que o jogo proporciona, possibilita um melhor desenvolvimento psicológico.

3 - Desenvolvimento Moral

Levada pelo entusiasmo, durante o jogo, a criança, manifesta suas inclinações naturais. Isto permite estudar sua conduta descobrindo-se qualidades e defeitos, devendo o educador estimular aquêles e impedir a manifestações dôstes.

4 - Desenvolvimento Social

Os jogos despertam ou fomentam, nas crianças, o espírito de cooperação e solidariedade, proporcionando oportunidades de cultivar melhores relações com os companheiros.

NORMAS

1 - O Professor Deve Conhecer Bem o Jôgo

Para que a realização de um jôgo seja eficaz, o professor deverá conhecer detalhadamente seu mecanismo e suas regras. Cada falha ou dúvida que o professor demonstre será motivo de descrédito, possibilitando a indisciplina e a desordem.

2 - Grupos Equilibrados

Ao dividir os alunos em grupos, o professor deve assegurar-se de que os grupos se equiparem.

Se, durante os jogos, perceber que há supremacia de um, sobre os outros, promoverá as modificações necessárias até equilibrá-los adequadamente.

3 - Explicações Breves

As explicações devem ser breves e claras. Convém fazer uma demonstração prática.

4 - Incentivo aos Tímidos

É frequente encontrar crianças que não manifestam alegria e entusiasmo ao participar de um jogo, quer por timidez ou quer por falta de confiança em si.

O professor deverá incentivá-las e impedir que sejam burladas pelas demais.

5 - Respeito às Regras

Deverá haver sempre a maior disciplina possível e o maior respeito às regras do jogo. A fim de educar as crianças nesse sentido, desde as primeiras aulas, o professor deverá cumpri-las rigorosamente.

Dever-se-á fazer respeitar tôdas as decisões oriundas da explicação das regras.

6 - Juízes

O professor deverá designar para juízes os alunos mais capacitados para a função, dando-lhes responsabilidades e autoridade. Deverá cuidar para que as decisões desses alunos sejam justas, rápidas e precisas.

7 - Evitar Antagonismos

O professor deverá evitar, por todos os meios ao seu alcance, que o jogo se transforme em motivo de antagonismo entre os grupos participantes.

8 - Não Tolerar Violações

A fim de assegurar a interrupção imediata, quando houver uma violação às regras ou outros motivos para a paralisação do jogo, deve-se usar um apito (ou outro instrumento qualquer), contudo, com discreção.

9 - Falta de Interêsse



Deve-se suspender o jogo quando os alunos mostrarem falta de interesse ou desânimo. Neste caso, convém substituí-lo, ou modificá-lo procurando despertar, novamente, o interesse.

10 - Linguagem Indevida

O professor não deverá tolerar, sob pretexto algum, que as crianças usem vocabulários inadequados, sejam palavrões, bravatas ou termos inadequados.

C O R O L Á R I O

As crianças terão se ajustado satisfatoriamente com esse tipo de atividade quando:

- a) Respeitarem as regras do jogo;
- b) Não se aproveitarem de vantagens desleais;
- c) Se empenharem totalmente na participação, esforçando-se ao máximo;
- d) Não fizerem alarde do triunfo;
- e) Terminarem sua participação, chegando à meta final;
- f) Se mostrarem vencedoras modestas e generosas ou perdedoras que não se preocupem em arrumar desculpas para justificar a derrota.

da ESPORTE E EDUCAÇÃO

*/**/**

*/**

SÓ SE NADA EM ÁGUA QUE SE BEBE

Químico NYLTON FERNANDES

Piscinas de uso coletivo,
com recirculação de água.

O saneamento das piscinas de uso coletivo é muito importante, não só pela saúde dos banhistas como pelas consequências de propagação de moléstias infecciosas no meio da população.

Neste trabalho abordaremos a condição das piscinas de uso tais como: piscinas de clubes, de prefeituras, do estado e, de modo especial, das piscinas com recirculação e tratamento, que são as mais indicadas para uso coletivo.

No aspecto sanitário, quando as piscinas de uso coletivo não são devidamente controladas, podem aparecer graves problemas de aspecto epidemiológico. As principais doenças transmissíveis, cuja ocorrência de associa, direta ou indiretamente, ao uso de piscinas coletivas são:

- a - Infecções oculares, auditivas e do nasofaringe;
- b - Infecções cutâneas;
- c - Infecções intestinais.

Como a maioria dessas moléstias são transmitidas do indivíduo doente ao são, a primeira providência de grande importância a ser adotada é o exame médico periódico dos usuários.

A qualidade da água

Em primeiro lugar, devemos obedecer à seguinte máxima: -- só se deve nadar em água potável -- A limpidez da água é também de grande importância para a segurança dos banhistas, pois em água cristalina a possibilidade de acidentes é menor. Portanto, é necessário manter a água das piscinas sob certas características físicas, químicas, bacteriológicas e biológicas para que nelas se possa praticar, de forma agradável a natação.

Contrôle do Ph

Ph -- É o logarítimo do inverso da concentração de ions hidrogênio. Simplificando, pode ser definido com u'a medida de acidez ou alcalinidade da água. Tem uma escala que vai de 0-14, sendo o pH 7,0 o ponto neutro. Os volumes abaixo de 7,0 indicam acidez e os acima de 7,0 alcalinidade.

Uma operação eficiente de tratamento da água de uma piscina depende de um bom contrôle do pH.

Há dois métodos para determinação do pH: eletrométrico e colorimétrico.

1 - No método eletrométrico, o pH é determinado, medindo-se com um potenciômetro a voltagem desenvolvida por 2 eletrodos em contato com



a solução. A voltagem de um eletrodo é fixa e conhecida, e a do outro, varia com o pH da amostra. Este método, por ser dispendioso, somente pode ser usado em conjuntos balneários de grande capacidade ou de grande responsabilidade.

2 - O método colorimétrico, é baseado no fato de certos compostos orgânicos mudarem de cor com a variação do pH. A adição de pequena quantidade de indicador à mostra e a comparação com uma série de cores-padrão possibilitam a rápida determinação do pH. Para piscinas, usa-se o azul de Bromotimol e o vermelho de fenol.

Na determinação do pH por colorimetria, usam-se comparadores de cor, constituídos de uma série de tubos de vidro com colorações de valores conhecidos que são comparadas com a amostra. Geralmente usa-se o comparador de "Hellige" ou outros de tipos semelhantes.

Em um copo limpo, colocar 1/3 do volume da água a testar; adicionar em seguida, por meio de um conta-gôtas, 4 gôtas de azul de Bromotimol fazendo-se a seguinte observação:

Côr	pH
azul escuro	7,8 alcalina
azul-marinho	7,4 alcalina
azul-claro	7,0 neutra
verde	6,8 ligeiramente ácida
amarelo-esverdeado	6,0 ácida

Pela legislação sanitária das piscinas, o pH deve estar compreendido na faixa de 6,0 — 7,4 pH.

Fatores que afetam o pH

Baixam o pH

- 1) Cloro gasoso, por causa da produção ^{de} ácido clorídrico e hipocloroso;
- 2) O uso normal das piscinas pelos banhistas;
- 3) O alumínio e o sulfato de alumínio, utilizados para aumentar a eficiência dos filtros de areia, baixam o pH, por causa da produção de ácido sulfúrico.

Elevam o pH:

- 1) Hidróxido de cálcio ou cal virgem;
- 2) Hipoclorito de sódio ou cálcio, sendo este último pouco usado nas piscinas;
- 3) Carbonato de sódio ($\text{Na}_2 \text{CO}_3$)

N.B.- Quando a água de reposição nas piscinas já sofreu tratamento, como a água de abastecimento das cidades, pode causar, também, considerável variação no pH da água já existente nas piscinas.

Compostos usados para corrigir o pH.

Compostos que elevam o pH, usados nas piscinas:

- 1) Carbonato de sódio;
- 2) Soda cáustica (hidróxido de sódio);
- 3) Água de cal (hidróxido de cálcio), sendo este pouco recomendado, porque pode provocar turbidez da água e prejudicar a areia dos filtros.

Compostos que baixam o pH

- 1) Ácidos clorídico ou sulfúrico — Esses ácidos baixam o pH porém, os perigos de manuseio os tornam contra-indicados. Podem causar ainda perturbações na coagulação e aumentar a turbidez da água;
- 2) Bi-sulfato de sódio (sulfato ácido de sódio) — Esse composto não oferece perigo de manuseio e tem a propriedade de remover os depósitos de cal que possam existir na areia dos filtros e nas tubulações.

da ESPORTE E EDUCAÇÃO

//*/*

/



VALORES DAS ATIVIDADES DRAMÁTICAS

Prof^a. Elza de Moura
Belo Horizonte

Diz Pascal: "A imaginação, esta soberba potência, estabeleceu no homem uma segunda natureza".

a) Tôdas as atividades dramáticas desenvolvem a imaginação. A criança, mais do que o adulto, vive no reino da quimera. A sua fantasia se anima nesse mundo. Os grandes inventores, os escritores, os poetas, os artistas, enfim, foram grandes imaginativos. A criança, assistindo ou em plena atividade dramática, dá larga expansão à sua fértil imaginação.

b) As atividades dramáticas dão alegria — Gesell considera a alegria o elemento principal na vida da criança. É elemento sadio, fundamental na educação. E nada mais desejável do que a alegria sadia, elevada. E as crianças dos nossos dias necessitam urgentemente dessa alegria.

Quais são os divertimentos das nossas crianças? É penoso confessar: acompanham os pais aos filmes para adultos, frequentam festas pouco edificantes, ouvem novelas irradiadas, leem livros absurdos... Nessas infâncias vazias, nada de delicado e de doce ficará para a recordação, nos dias da velhice.

c) Dão ideal e alento, elevam, indicam direções; modelam e remodelam. — Os heróis seduzem as crianças. A literatura é um recurso para o ideal e decisiva para a sua conquista.

Castro Alves, com suas poesias inflamadas e Beecher Stowe, com o seu comovente "A Cabana do Tio Tomás", foram fatores poderosos na abolição das escravaturas brasileira e americana.

A literatura de Dickens fez sentir a sua influência na sociedade inglesa, modificando sua conduta em relação às obras de assistência social.

Monteiro Lobato, com o seu "Pátio dos Milagres", tão cheio de amarga ironia, influenciou as autoridades, no sentido de se tomarem medidas sôbre a mendicância.

As atividades dramáticas, dentro dêsse espírito idealístico, quer no sentido geral, ou no especializado, contribuem para a formação do ideal infantil.

d) Treinam a linguagem — A criança faz adaptações, decora trechos dos outros, escreve os seus, improvisa e, nesse trabalho, treina estilos diversos.

Seja a dramatização espontânea, seja a literária, ou ainda a informativa, qualquer gênero contribui grandemente para o desenvolvimento da linguagem. Se na dramatização espontânea, o objetivo máximo é o desenvolvimento da linguagem, na literária é o valor da interpretação. E na informativa, como no nosso caso especializado, é o enriquecimento de experiências, o conhecimento, sendo o sua característica a verdade.

A discussão entre as crianças sôbre a escolha e o desempenho dos personagens é excelente treino de linguagem. A crítica não só melhora o desempenho, como orienta a criança nessa crítica e, como consequência, surge um outro valor o:

e) Desenvolvimento da lógica e da apreciação.

f) Treinam o poder de observação — A criança, vivendo personagens diversos, aprende a observar seus característicos próprios: O Gato de Botas é astúcia; Chapeuzinho Vermelho, desobediência; a Gata Borralheira, bondade; o Visconde de Sabugosa, sabedoria; Emília, impertinência e, com muito mais vantagem, no nosso caso especializado, o das ciências naturais, em que cada animal tem seus hábitos, suas diferenças, suas características.

g) Treinam a memória — Decorando trechos, evocando cenas, a criança tem oportunidade de desenvolver a memória. Houve tempo em que a memória representava tudo ou quase tudo e depois caímos no extremo: ausência total de memorização, mas a virtude está no meio termo.

O treino da memória, quando racional, é necessário. Precisamos conservar e evocar experiências.

h) Intensificam e expandem relações sociais — A vida depende da compreensão, do bom estabelecimento das relações humanas e mesmo com os animais e plantas. A criança deve conviver o mais possível com pessoas de hábitos e temperamentos diversos, viver em vários ambientes, para habituar-se a essas variedades. Deve sentir a consequência desses ambientes e essas situações diferentes fazem a criança compreender os sentimentos alheios. As atividades dramáticas levam a criança a viver ambientes vários: rico, pobre, na cidade e no campo, à beira-mar e no interior, no país e no estrangeiro. O conhecimento da vida dos animais e das plantas modifica a atitude da criança, levando-a à compreensão e à apreciação da natureza.

i) Treinam o caráter — As virtudes viris e femininas estão contidas nas histórias. A criança reage de acordo com o que é bom. Os desfechos suaves trazem impressão benéfica. Ela quer parecer-se com o herói que vence o gigante, com a menina paciente e bondosa que não se altera, mesmo nas situações mais difíceis, como Pollyana, deliciosa criação de Eleanor H. Porter.

E as ciências naturais apresentam seus vultos inconfundíveis, como Pasteur, Osvaldo Cruz e outros, pacientes nas suas pesquisas, confiantes e idealistas.

j) Fazem a criança identificar-se com os personagens. Como é admirável esse poder que nos empresta outra personalidade. Mas aquele menino no papel de Pasteur está transfigurado! Essa identificação é que leva a criança à melhor interpretação. Tudo nela se modifica: a voz, a atitude. Uma nova personalidade domina ou substitui a antiga.

k) Dão conhecimento — É tão evidente esse valor que dispensa maiores explicações e principalmente no caso das ciências naturais. Não só de ciências, mas de outras disciplinas. No estudo dos personagens, dos ambientes, há conhecimentos históricos, geográficos e outros.



l) Fazem a criança penetrar no que de melhor existe na literatura universal, pois muitas das peças são dela adaptadas e, com isso, a criança penetra no mundo da beleza, da arte elevada e a parte musical fica em destaque, porque acompanha essas atividades.

m) Permitem a descoberta de valores --- Muitas vezes a criança se revela através de uma interpretação. O teatro na escola, como já foi dito, provocando atividades dramáticas, as finalidades socializadoras, a valorização do grupo e não com o objetivo do estrelismo, mas a revelação de valores, a criança se movimenta num mundo próprio, sem restrições, num certo sentido.

n) Finalizando, temos ainda a acrescentar que as atividades dramáticas oferecem excelente oportunidade para os trabalhos manuais, com o preparo de bonecos, de silhuetas, máscaras, indumentária, palco, pintura de cenários. E nesses trabalhos, a criança sente a sua finalidade: uma atividade funcional.

Mesmo que as atividades dramáticas não apresentassem tantos valores, só pelo fato de causarem alegria, justificava-se a sua adoção.

Uma criança alegre é o que de mais desejável pode existir.

De: Artes Dramáticas e Ciências Naturais

*/**/**/*

Elsa de Moura

*/**

JOGOS DRAMÁTICOS

Eq. de trabalho da Escola Peq. Príncipe

Jogo dramático é uma modalidade da técnica psicodramática, aplicada no ensino como método de aprendizagem. Os jogos dramáticos também têm sua base na arte dramática. Na educação pela arte nos servimos de uma disciplina artística como meio de concretizar o aprendizado. Colocando à disposição da criança mais uma forma de arte, estamos auxiliando-a em seu desenvolvimento e na sua educação. É necessário



entretanto, esclarecer que a arte deve estar em função da criança e, não, a criança em função da arte. Assim considerada, a dramatização permite que o indivíduo desenvolva sua espontaneidade, pois para Moreno o homem ocidental perdeu sua espontaneidade. Fundamenta-se no pressuposto de que todo o ser humano é espontâneo mas inibe-se através do processo educativo, incorporando esquemas impostos. Para Moreno, ser espontâneo é resolver uma situação nova com elementos novos. Na dramatização, vivendo o "como se fôsse", surgem situações novas e inesperadas que deverão ser resolvidas dando, portanto, à criança, oportunidade para resolvê-las com espontaneidade e para tornar-se criativa.

Nas demais artes o artista cria, realiza sua obra, servindo-se de um mundo específico como, por exemplo, no caso do músico, os sons e instrumentos musicais. Na arte dramática, éle se serve de todo o seu ser: físico, emoções, sentimentos, etc. Daí advém a grande riqueza dos jogos dramáticos no campo pedagógico, pois o aluno vivencia, totalmente, seu aprendizado além de aprender intelectualmente.

Na Argentina, pensa-se em adotar a técnica psicodramática, como método de ensino, até mesmo nas Universidades.

A criança, normalmente, fantasia e se converte, diariamente, em personagem com ou sem necessidade de público, em um experimentar constante de atitudes que vai assumir. Dramatizar é, portanto, uma atividade espontânea da criança, que a ajuda a desinibir-se, melhorando conseqüentemente seu relacionamento social.

Para que o aluno possa expressar-se através de si mesmo, é necessário que tenha, primeiramente, um bom conhecimento de seu próprio ser para poder desabrochar seus meios expressivos e, através deles, comunicar-se com o mundo exterior. Existem exercícios específicos para que o indivíduo adquira êste auto-conhecimento; entre êles conta-se o desenvolvimento da percepção sensorial e o relaxamento.

Tendo desabrochado seus meios expressivos, o indivi

duo está apto a dramatizar. Os jogos dramáticos vão obedecer o mesmo esquema da arte dramática, que se faz em três tempos:

ARTE DRAMÁTICA	JOGOS DRAMÁTICOS
ATO PRÉ-CÊNICO	ATO PRÉ-CÊNICO
ANÁLISE DA OBRA	MOTIVAÇÃO
ENSAIOS	
ATO CÊNICO	ATO CÊNICO
APARECER, ESTAR, PERMANECER, DESAPARECER.	APRENDIZAGEM
ATO POST-CÊNICO	ATO POST-CÊNICO
CRÍTICA, AUTO-CRÍTICA	
COMENTÁRIOS	AVALIAÇÃO

Os elementos necessários para realizar um jogo dramático são: esquentamento, cenário, diretor, protagonista e audiência.

O cenário é o lugar onde habitualmente se fazem as dramatizações. Deve estar em plano mais elevado do que o normal pois está fora da realidade e, nêlo, vai-se passar o "como se fôsse". É o plano da fantasia. Todo o cenário é criado através da expressão dos gestos, servindo-se o protagonista de seus conhecimentos sensoriais. O diretor é o principal responsável pela dramatização e, no caso, seria o próprio professor que, depois do seu "esquentamento", fará com que surjam do grupo os protagonistas que depois irão definir qual a cena a ser representada.

Esquentamento — é o período prévio de preparação para a dramatização que proporciona o clima necessário para que surjam os protagonistas. O protagonista é aquêlo que tem a idéia do tema a ser representado e que vai definir qual a cena a ser escolhida, na audiência, os elementos necessários para a dramatização. A audiência é constituída pelos demais integrantes do grupo.

//*/*/*

//*/*

/

RESENHA BIBLIOGRÁFICA1) DIDÁTICA DA ESCOLA MÉDICA

(Por um grupo do Setor de Arctodologia Geral do Ensino)

Seleciona alguns aspectos da atividade didática que mais tem sofrido com a constante renovação pedagógica de nossos dias, renovação que se impõe pelas rápidas transformações das sociedades humanas.

Inclui princípios e técnica de didática renovada e uma análise rápida da escola média brasileira, especialmente da paulista que se acha em plena fase de transformação.

Finalmente a obra tenta promover novas experiências no magistério da Escola Médica.

2) RECURSOS AUDIOVISUAIS NA ESCOLA

Wittich em sua obra descreve alguns recursos audiovisuais e orienta seu uso e aplicação.

Cuida a obra, por serem mais praticáveis na escola, dos tipos de observação direta: experimentos, excursões, exposições e museus.

O livro ricamente ilustrado dá bem a idéia da profusão de recursos que a técnica pode proporcionar à escola.

3) PRÁTICA NA FORMAÇÃO E NO APERFEIÇOAMENTO DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

PINHEIRO

Livro chave para o professor primário.

Os autores com profunda experiência de ensino, extensa cultura e total familiaridade, no Brasil e fora, com recentes inovações radicais da educação, dão-nos um livro que é realmente um manual de métodos de técnicas e prática do ensino. É dedicado especialmente aos alunos dos cursos de aperfeiçoamento do magistério.

O livro é um exercício de como estudar, de como pensar em termos de educação, de preferência primária.

R E C R E A Ç Ã O I N F A N T I L

Profª. ARACY RODRIGUES

SESSÕES DE JOGOS PARA CRINAÇAS
DE 5 A 6 ANOS1º P L A N O

Local:- Área livre

Duração:- 15 a 20 minutos

I - Aquecimento: Atividade rítmica.
Roda cantada.SINHÁ MARRECALá vem a Sinhá Marreca
Com seu samburá na mão (bis)
Ela disse que vem vendendo
Empadinhas de camarão (bis)A velha saiu da igreja
com seu samburá na mão (bis)
Chorando porque não tinha
Nem padre nem sacristão (bis)Lá vem o seu Chiquinho
Dançando o seu miudinho (bis)
Êle dança, êle pula
Êle faz requebradinho (bis).

Musical notation for the song "Sinhá Marreca". The notation is on a single staff with a treble clef and a 4/4 time signature. It includes two systems of music. The first system has two measures marked "1ª vez" and "2ª vez". The second system also has two measures marked "1ª vez" and "2ª vez". Below the notation, the lyrics are written in a way that aligns with the notes.

Lá vem a Si-nhá Mar-ré-ca com seuambu-rá na mão, Lá não, Ela
dis-se que vem ven-den-do em-pa-di-nha de ca-ma-rão. E-la -rão!

Formação:- Roda, de mãos dadas.

Uma criança ao centro.

Desenvolvimento:- As crianças da roda cantam, enquanto a "Sinhá Marreca" interpreta, com mímica, a letra. Na última quadra, a "Sinhá Marreca" pula, dança e requebra-se diante de uma das crianças da roda que deve substituí-la.

Objetivos educacionais específicos:- Senso rítmico — Sociabilização — Habilidade de dramatizar — Desembaraço na posição de destaque.



II - Jogos

a) Jôgo ativo — BALEIAS

Formação:— As crianças enfileiram-se atrás de uma linha de partida, riscada no chão. Do outro lado do campo, traça-se uma paralela — a linha de chegada.

Desenvolvimento:— Para iniciar o Jôgo a professora põe-se a dizer uma série de palavras começadas por "ba": bananas, ba-las, etc. Quando, porém ela diz "baleias", todos devem correr para a linha de chegada. Os cinco primeiros a chegar recebem uma salva de palmas, prosseguindo o jôgo com nova chamada, precedida de palavras iniciadas com o mesmo som. (Pode-se variar o jôgo, apresentando palavras que comecem com outros sons, tendo-se, porém, o cuidado de escolher e dizer antes às crianças qual vai ser a palavra que corresponde à ordem de correr).

Objetivos educacionais específicos:— Habilidade de correr — Discriminação auditiva — Rapidez de reação.

b) Jôgo moderado — ABELHINHAS

Formação:— As crianças divididas em grupos de três, formam rodinhas — ou sejam, "flôres". A certa distância de cada rodinha, em lugar marcado, ficam duas crianças — "um par de abelhinhas". Cada par de abelhinhas corresponde a uma flor.

Desenvolvimento:— Ao sinal, as abelhas correm para as respectivas flôres. A primeira a chegar permanece no meio da rodinha, enquanto a outra põe-se a rodeá-la. A abelhinha situada no centro da flor escolhe, então, uma pétala para se transformar em zangão (ou abelha) e com ela ir formar novo par. A outra abelha ocupa o lugar desta pétala, prosseguindo o jôgo tal como foi descrito antes.

Objetivos educacionais específicos:— Atenção — Habilidade de correr — Boa atitude na mudança de papel — Cooperação.

c) Jôgo calmante — ADIVINHE O QUE FOI?

Formação:— As crianças sentam-se em semicírculo, destacando-se uma para ter os olhos fechados.

Desenvolvimento:— Ao iniciar o jôgo, a professora escolhe uma criança, que deve produzir três ruídos diferentes. Ao compa-
panheiro, cujos olhos estão fechados cabe a identificação dos sons ouvidos. (Exemplos-de sons: batida com o pé, toque na porta, palma, pancada na mesa, assobio etc.). O próximo a ficar com os olhos fechados é escolhido pela criança que acabou de identificar os sons.

Objetivos educacionais específicos:— autodomínio-
(não abrir os olhos) — Honestidade (se abrí-los avisar o professor, para começar de novo o brinquedo) — Imaginação (produzir ruídos diferentes) — Discriminação auditiva — Senso crítico.



III - Exercícios mímicos em silêncio:

As crianças assentadas, em círculo, imitam o professor que deverá executar movimentos de pentear os cabelos, escovar os dentes, lavar as mãos, enxugá-las, calçar ossapatos e amarrá-los, etc.

2º PLANO

Local:- Área livre

Duração:- 15 a 20 minutos.

I - Aquecimento - Atividade rítmica - Roda cantada.

SIRICOTÉ

Era uma vez quatro negrinhos
 Todos quatro da Guiné
 Eles fizeram uma corrida
 Pra dançar o Siricoté

EstrIBILHO

Siricoté, Siricoté (bis)
 Quatro negrinhos da
 Guiné (bis)

De tôdas as negrinhas
 Esta é a mais pequenina
 Pulando e dançando
 Ela é a mais engraçadinha.

Formação:- Roda. Pares frente à frente, de mãos dadas.

Desenvolvimento:- Ao cantar dos dois primeiros versos da quadra, as crianças saltitam para a esquerda; ao cantar os últimos, para a direita, voltando aos seus lugares. Terminada a quadra, detêm-se de frente

para os seus pares, entoam o estribilho, com os braços erguidos à altura da cabeça, fingindo tocar castanholas, saltitando no mesmo lugar. Repetir a mesma movimentação para a segunda quadra.

Objetivos educacionais específicos:- Senso rítmico - Sociabilização - Lateralidade.

II - Jogos:

a) Jôgo ativo - BORBOLETAS E FLÔRES

Formação: As crianças são divididas em dois grupos iguais: "borboletas e flôres". As flôres ficam pelo campo, de cócoras e bem afastadas (cêrca de 1m) umas das outras.



Desenvolvimento:- Ao sinal da professora, as "borboletas" põem-se a dançar por entre as "flôres". Estas tentam tocá-las com as mãos, sem sair da posição de cócoras. As borboletas, quando alcançadas, devem, também, ficar de cócoras, junto à flor que lhe tocou. (É bom limitar o espaço, para que as "borboletas" não fiquem muito longe das flôres).

Objetivos educacionais específicos:- Rapidez de reação - autodomínio (para manter a posição) - Flexibilidade - Boa atitude na dança de papel.

b) - Jôgo moderado: BARATA ASSUSTADA

Material: Um saquinho de milho. Corta-se um retângulo de pano resistente (lona), de 0,40m de comprimento por 0,15m de largura e dobra-se ao meio, no comprimento, costuram-se os lados e enche-se com milho ou areia; fecha-se com costura reforçada.

Formação:- As crianças dispõem-se em roda aberta, ficando uma de posse do saquinho de milho.

Desenvolvimento:- Ao sinal, o saquinho é passado rapidamente, de mão em mão. Ouvido novo sinal, as crianças fazem-no passar devolta. A professora deve dar vários sinais, a cada um correspondendo a mudança de direção na passagem do objeto. Quem deixar cair o saquinho deve recuperá-lo, bater uma palma e continuar a passá-lo.

Objetivos educacionais específicos:- Habilidade em passar um objeto - Rapidez de reação:

c) Jôgo calmante: BONÉ DO JUCA.

Formação: As crianças sentam-se em círculo, no interior do qual fica o chefe.

Desenvolvimento:- Para iniciar, o chefe avisa: "O Juca perdeu o boné. Ele me disse que alguém o achou e escondeu. O Juca não sabe quem foi..." e aponta alguém do círculo. A criança indicada, deve, sem falar, rir nem sorrir, abanar vigorosamente a cabeça, negando qualquer culpa. Cabe-lhe apenas apontar outra com a mão. Cada jogador inculpado nega veemente a acusação, pois o primeiro a falar, sorrir, rir ou demorar a responder paga uma prenda. Nessa hora, além disso, o chefe é substituído, recomeçando a brincadeira.

Objetivos educacionais específicos:- Autodomínio - Alegria em brincadeira tranqüila.

III - Exercícios de ordem em silêncio: As crianças assentadas, em círculo, com os olhos fechados, serão chamadas pelo nome, em voz baixa, pela professora que se colocará a 3m de distância do círculo. Uma vez chamadas, levantar-se-ão e se colocarão atrás da professora, fazendo uma fila em absoluto silêncio.



P L A N O

Local:- Área livre

Duração:- 15 a 20 minutos.

I - Aquecimento: Pedir às crianças que corram, livremente, pelo pátio, imitando os pássaros voando, depois trotando como cavaleiros.

II - Jogos;

a) Jogo ativo: CORRA, SEU URSO!

Formação:- Destacado do grupo e de costas para ele, a uma distância de 10 a 15m das outras crianças, fica um jogador — "o urso". Os demais dispõem-se num pique, riscado no chão, num extremo do campo.

Desenvolvimento:- Para começar o jogo, o grupo parte do pique em silêncio, tentando chegar o mais próximo possível do "urso". Quem consegue tocá-lo grita: "Corra seu Urso!", retornando a correr, juntamente com os companheiros, para o pique. Desafiado, o "urso" volta-se rapidamente, pondo-se a perseguir o bando de fugitivos. Quem ele tocar com a mão é transformado em seu auxiliar.

O jogo prossegue com novo desafio dos que lograram alcançar o pique, havendo maior entusiasmo com a cooperação dos auxiliares na conquista de novos prisioneiros. A vitória pertence aos cinco últimos a serem aprisionados.

Objetivos educacionais específicos:- Rapidez de reação - Habilidade em perseguir e fugir à perseguição - Boa atitude na mudança de papel - Iniciativa.

b) Jogo moderado: CARREGAR O SAQUINHO.

Material: Um saquinho de milho para cada jogador.

Formação: As crianças enfileiradas, tendo à cabeça um saquinho.

Marca-se, a uns 20m do grupo, a linha de chegada.

Desenvolvimento:- Para iniciar-se o jogo, as crianças dispõem-se a andar com "carga" à cabeça, até a linha de chegada. A vitória é da que chegar primeiro, sem ter corrido durante o trajeto.

Objetivos educacionais específicos:- Habilidade em caminhar depressa, equilibrando um objeto à cabeça - Autodomínio - Postura correta.

c) Jogo calmante - COITADINHO DO GATINHO

Formação:- As crianças assentadas, em círculo, destacando-se uma para ficar ao centro - "O gatinho".

Desenvolvimento:- Para iniciar o jogo, o gatinho ajoelha-se diante de uma das crianças do círculo, pondo-se a miar e a fazer caretas.

A criança assim escolhida deve dizer, SEM RIR e pondo a mão sobre a cabeça dele: "Coitadinho do gatinho..." Esta cena repete-se três vezes. Se o gatinho consegue fazer o colega rir, este troca de lugar com ele, reiniciando-se a brincadeira.

Objetivos educacionais específicos: Autodomínio - Criatividade.

III - Exercícios mímicos em silêncio: As crianças de pé, em círculo, imitarão o professor que deverá dar três passos para dentro; três passos para trás; girar pela direita; girar pela esquerda.

SESSÕES DE JOGOS PARA CRIANÇAS DE 7 A 9 ANOS

Local:- Área livre

1º P L A N O

Duração:- 20 a 30 minutos.

I - Aquecimento: "Transformar em pedras".

Três jogadores serão pegadores, que, tocando os com panheiros os transformam em "pedras", no lugar, devendo os mesmos ficarem abaixados. Os que não foram presos poderão salvá-los, tocando-os.

II - Jogos:

a) Jogo ativo: ATACAR O ACAMPAMENTO

Material: Uma bola de voleibol, menos cheia do que o comum.

Formação:- Risca-se no chão um grande retângulo, no interior do qual ficam todos os jogadores, exceto dois. Estes postam-se de fora, junto a cada um dos lados menores da figura, sendo a bola entregue a um deles.

Desenvolvimento: Ao sinal de início, quem tem a bola procura atingir com ela um dos companheiros dentro do retângulo, tendo o cuidado de visar apenas as suas pernas. Quem o consegue troca de lugar com o atingido, continuando assim a brincadeira. Os jogadores visados podem correr, pular, desviar-se, torcer o corpo, etc., para evitar a bola, mas nunca defendê-la com as mãos ou os pés. A ninguém é permitido ficar com a bola mais do que cinco segundos, nem dar mais de dois passos com ela na mão. A bola, que pára no interior do "acampamento", é rolada por quem lá está para os atacantes. Só é válido o arremesso feito de fora do retângulo e de junto à sua largura, não sendo contados aqueles em que o lançador esteja com um pé sobre a li-

nha, se não dentro da própria figura. Também não tem valor a bola que bate acima da cintura do perseguido. Mas, se ele a toca com a mão, é considerado alvejado, o mesmo acontecendo a quem sai de dentro da área ou pisar nos seus limites, tendo então que trocar de lugar com um atacante. A cabo de algum tempo, a vitória é daqueles que nunca saíram de dentro do retângulo.

Objetivos educacionais específicos:- Habilidade de arremessar a bola em alvo móvel - Habilidade de desviar-se - Habilidade de pular - Resistência - Cooperação (passar a bola a outro, para que ele tente alcançar o objetivo) - Honestidade (em admitir que foi atingido) - Rapidez de ação - Iniciativa - Autodomínio (para não ultrapassar os limites do próprio campo.

b) Jôgo moderado: BOLA À LUA.

Material:- Uma bola leve.

Formação: As crianças enfileiradas junto a uma parede, onde, em altura que vai depender da habilidade do grupo, risca-se uma linha horizontal.

Desenvolvimento:- Ao sinal de início, a criança colocada na extremidade esquerda da fileira adianta-se e, com as duas mãos, joga a bola verticalmente para o ar, tentando fazê-la "ir à lua", isto é, ultrapassar a linha traçada na parede (ou, então, um galho de árvore, um telhado ou qualquer outro ponto de referência, antes combinado). Conseguindo êste objetivo ela ganha um ponto. Em qualquer caso, cede a bola à vizinha, que a pega e tenta fazer o mesmo. O jôgo continua assim, até todos terem tentado "alcançar a lua", pelo menos quatro vêzes. A vitória é dos que conseguem quatro pontos.

Objetivos educacionais específicos: Habilidade de atirar a bola verticalmente para o ar - Fôrça dos braços e da cintura escapular - Precisão no arremesso - Atitude de vigilância constante, em relação ao objeto lançado, de maneira a pegá-lo bem.

c) Jôgo calmante: ESTOU VENDENDO UMA COISA...

Formação:- As crianças sentam-se em semicírculo, junto à professora.

Desenvolvimento:- Para iniciar o jôgo, a professora diz: "Estou vendo uma coisa..." e completa a frase com o nome de uma coisa. Feito isto, aponta para uma criança qualquer do grupo, que deve dizer depressa o nome de um objeto daquela coisa. Quem acerta pode substituir a professora.

Objetivos educacionais específicos:- Memória visual - Rapidez de reação - Espírito de observação.

III - EXERCÍCIOS DE ORDEM

Formar coluna por dois.

As crianças, em coluna por um, numeradas por dois, ao comando do professor "formar coluna por dois", o número um não sai do lugar e o número dois se coloca a direita do número 1, que está a sua frente. A novo comando, "formar coluna por um", o número 2 volta para seu lugar isto é, atrás do número 1. Repetir, 4 vezes.

2º P L A N O

Local:- Área livre

Duração:- 20 a 30 minutos.

I - Aquecimento:- "Puxar a orelha".

Em duas colunas, assentados no chão, no centro do campo. Ao sinal, correr em massa e puxar a orelha de 3 pessoas da assistência. A vitória caberá ao partido que primeiro reformar a coluna.

II - JOGOS:

a) Jôgo ativo: CORRE, COMPADRE.

Material: Uma bola leve, que role facilmente.

Formação:- Riscam-se no chão duas paralelas, bem afastadas uma da outra, a fim de delimitar o campo. Atrás de uma delas, enfileiram-se os jogadores, tendo ao lado o orientador, de posse da bola.

Desenvolvimento:- Para iniciar, o orientador grita: "Corre compadre" e impulsiona a bola para a frente, fazendo-a rolar com velocidade, em direção à outra linha. A essa voz, os jogadores saem a correr, procurando atingir a linha de chegada antes da bola. A vitória é dos que conseguem tal coisa.

(Ao lançar a bola, o orientador conservará distância do grupo, para que as crianças não tropecem nela, em meio à corrida).

Objetivos educacionais específicos:- Habilidade de correr em grupo sem se chocar com os outros - Habilidade de correr com agilidade, sem perder o equilíbrio - Hábitos de segurança na corrida - Rapidez de reação.

b) Jôgo moderado: META

Material:- Uma bola de futebol e 2 bandeirinhas ou 2 estacas.

Formação:- Dois partidos iguais, enfileirados atrás de uma linha de saída, riscada no chão a 18 metros da "META" (feita com 2 bandeirinhas, ou estacas, separadas por espaço de 3m). A meio caminho, entre a linha de saída e a meta, traça-se a linha intermediária. A bola é entregue ao partido sorteado para principiar.



Desenvolvimento: Ao sinal de início, o primeiro jogador do partido escolhido chuta a bola para a frente, indo depois até a linha intermediária, de onde procura acertá-la na meta. Cada vez que a bola passa entre as bandeirinhas, o jogador ganha um ponto para a sua equipe. Cede, então, a vez ao adversário que pega a bola, por ele lançada de volta, para que tente fazer o mesmo. O partido que consegue mais pontos, no tempo previsto, ganha o jogo.

Objetivos educacionais específicos: Equilíbrio - Agilidade - Habilidade de chutar um objeto com direção - Fôrça dos pés e das pernas - Resistência.

c) Jôgo calmante:- COROA DO REI

Material:- Um chapéu de papel "A coroa do rei".

Formação:- As crianças, em círculo, assentadas, tendo ao centro um companheiro também assentado. "O Rei".

Desenvolvimento:- Cada criança, por sua vez, depois de fechar os olhos vem com o chapéu nas mãos e tenta colocá-lo na cabeça do companheiro destacado. Quem consegue, troca de lugar com o rei, prosseguindo assim a brincadeira. Surgindo muita dificuldade em acertar a direção do rei, o grupo pode auxiliar o colega batendo palmas ou cantando para orientá-lo, quando acerta ou erra.

Objetivos educacionais específicos: Sentido de direção - Iniciativa - Honestidade (não abrir os olhos) Autodomínio.

III - Exercícios de ordem: Noções de lateralidade. Direita e esquerda volver.

3 P L A N O

Local:- Área livre

Duração: 20 a 30 minutos.

I Aquecimento: "Galope lateral"

Duas a duas, uma criança atrás da outra; a que estiver atrás segura na cintura da que estiver à frente. Espalhadas pelo campo, galopam lateralmente. A um sinal da professora, "trocar", a de trás passa para a frente, continuando o galope. Novo sinal, nova troca de lugares; assim sucessivamente - Repetir 4 a 5 vezes.

II - JOGOS

a) Jôgo ativo - CORRIDAS DE IMITAÇÃO

Formação - Riscam-se no chão duas paralelas - as linhas de partida e de chegada - separadas por uma distância proporcional à capacidade do grupo. Atrás da primeira, enfileiram-se os jogadores, /

deixando bastante espaço entre si, enquanto, junto à segunda de frente para o grupo, fica o orientador.

Desenvolvimento:- Ao sinal de início, correm todos em direção a linha de chegada, porém, em posições diferentes e deslocando-se de maneiras diversas, segundo os personagens que representam. Pode haver corridas de patos (jogadores de cócoras, com as mãos sôbre os joelhos e os braços flexionados, imitando asas) de gigantes (crianças r: nas pontas dos pés, com os braços levantados), de anões (crianças agachadas, mantendo durante tôda a corrida os joelhos flexionados). Vence a corrida o primeiro jogador a transportar a linha de chegada. Quem não faz o percurso inteiro na posição combinada é desclassificado.

Objetivos educacionais específicos:- Fôrça e resistên-
cia nas pernas - Habilidade de correr com agilidade sem perder o equilí-
brio. Domínio de si mesmo.

b) - Jôgo moderado: PEGAR O MICO

Material:- Duas bolas iguais, tendo uma delas determina-
da marca, para indicar que representa o "mico".

Formação:- As crianças em círculo, ficando duas delas (bem
distantes uma da outra) de posse das bolas.

Desenvolvimento:- Ao sinal de início, cada crianças que
tem a bola joga-a ao próprio vizinho (da esquerda), o qual depressa faz
o mesmo em relação ao companheiro seguinte e assim por diante. As bolas
são passadas, rapidamente, em volta do círculo, tendo os jogadores por
objetivo fazer com que uma alcance a outra, isto é, que o Mico seja apa-
nhado. Mas, cada qual procura evitar que tal aconteça nas suas mãos pas-
sando as bolas adiante o mais depressa que pode. Quem deixar cair a bo-
la deve recuperá-la sôzinho e voltar ao seu lugar, para daí recomeçar a
passá-la. Cada vez que o Mico é apanhado, interrompe-se a brincadeira,
devolvendo-se as bolas aos jogadores iniciais.

A vitória é dos jogadores em cujas mãos nunca fôr apanha-
do o Mico.

Objetivos educacionais específicos:- Habilidade de lan-
çar rapidamente a bola - Honestidade (jogar da melhor maneira possível)
a fim de não fazer o outro errar). - Rapidez de ação e atenção.

c) Jôgo calmante: O FRUTEIRO

Formação:- As crianças sentam-se em círculo, cada qual
escolhendo uma fruta diferente para representar (não pode haver repeti-
ções).

Desenvolvimento:- Para iniciar o jôgo, a professôra põe-
se a passear pelo círculo, parando de vez em quando para contar: "Pas-

sei por um fruteiro que não tinha..." (tangerinas, por exemplo). A criança que representa tal fruta incontinentemente responde: "Tangerina havia, que não havia era..." (sapoti, por exemplo). E assim prossegue o jogo até todos serem chamados. Quem erra ou custa a responder deve ir para centro.

Objetivos educacionais específicos:-- Memória auditiva -- Rapidez de reação - Fixação de conhecimentos gerais.

V A R I A N T E: O jogo é feito com flores, plantas e animais, referindo-se então a professora, respectivamente, a um florista, chacareiro ou criador de animais.

III - Exercícios mímicos ritmados: Assentados, em círculo, imitam a professora que baterá palmas, em diferentes compassos.

SESSÕES DE JOGOS PARA CRIANÇAS DE 10 A 12 ANOS

Local:-- Área livre

Duração:-- 30 a 40 minutos.

I - Aquecimento: "O SACI".

As crianças numeradas. Nº 1, nº. 2 e nº. 3. Dispersas pelo campo, à vontade. De cada grupo de 3, duas dão-se as mãos (nº1 e nº2) e perseguem o nº de seu grupo, num pé só, que foge, também, num pé só. Logo que seja prêsso, são modificadas as posições. O jogo deve ser rápido e a professora poderá comandar as posições.

II - JOGOS:

a) Grande jogo:-- TRÊS PRISIONEIROs.

Material:-- Uma bola leve.

Formação:-- Risca-se no chão um grande retângulo, dividido em dois campos iguais. Organizam-se dois partidos, escolhendo cada qual o seu capitão e ocupando um campo. Cada jogador encarrega-se de defender uma zona do próprio território. Os dois capitães colocam-se junto à linha central, de onde o orientador lança a bola para o alto. Quem dos dois consegue bater nela com a mão, fazendo-a cair em seu próprio campo, tem direito à bola.

Desenvolvimento:-- Ao sinal de início, quem está com a bola procura, diretamente, ou por meio de passes, atingir com ela um adversário. Todo inimigo alcançado, da cintura para baixo, torna-se prisioneiro, desde que a bola o tenha alcançado em voo direto, isto é, se não tiver batido antes no chão. Depois que toca o solo, a bola pode ser apanhada sem perigo, a fim de ser lançada contra outro jogador, enquanto o

prisioneiros são colocados atrás do campo inimigo e junto à sua linha de fundo (do lado de fora do retângulo). Para libertar um companheiro a prisionado, pode-se tentar enviar-lhe a bola. Caso ele consiga pegá-la e atingir com ela um adversário, fica livre. Volta, então, ao seu campo, levando como prisioneiro o jogador que alvejou. As crianças podem arremessar a bola diretamente sobre os inimigos ou passá-la primeiro entre si, para melhor mira, mas só são permitidos três passes de cada vez. Sempre que um jogador é atingido, dá-se a bola ao seu partido.

A primeira equipe a fazer três prisioneiros vence a partida. Todos os jogadores voltam nessa hora aos seus grupos e o jogo recomeça, com a troca não só de campo, mas também, de posições, dentro de cada território.

Objetivos educacionais específicos:- Cooperação e senso de responsabilidade no jogo de partidos - Boa atitude ao ser aprisionado - Respeito à vez do companheiro - Boa atitude na competição entre grupos - Habilidade de arremessar a bola em alvo móvel - Rapidez de reação - Iniciativa - Atenção dividida - Habilidade de pular.

b) - Jogo calmante: ONDE ESTÁ O CHOCALHO.

Material:- Um chocalho.

Formação:- As crianças formam uma roda, sendo uma destacada para ir ao centro e ter os olhos fechados.

Desenvolvimento:- Para iniciar o jogo, a professora entrega o chocalho, sem fazer ruído, a uma das crianças da roda. Esta passa a agitá-lo, enquanto a do centro, guiada apenas por tal som, deve descobrir a colega que tem o chocalho. Se acertar recebe palmas e escolhe um companheiro para substituí-la na repetição do jogo. No caso de demonstrar dificuldade, a professora, habilmente, procura ajudá-la, com pistas.

Objetivos educacionais específicos:- Discriminação auditiva - Habilidade de caminhar às cegas - Sentido de orientação - Cooperação por parte do grupo em manter relativo silêncio - Honestidade (em não abrir os olhos).

III - Exercícios de orientação espacial:- Andar para frente, para trás e para os lados, sem chocar-se com os companheiros.

2º P L A N O

Local:- Área livre

Duração:- 30 a 40 minutos.

I - Aquecimento: "Ouça o seu número e corra".

Formação: Colunas - Crianças numeradas seguidamente.

Desenvolvimento:- Ao ser chamado um número, o aluno correspondente a cada coluna corre até uma linha traçada à frente (a uma distância de 5 metros, aproximadamente), faz meia volta e se coloca em afastamento lateral, enquanto os demais de sua coluna correm imediatamente, passam entre suas pernas (de trás para frente) e regressam aos seus lugares, reformando as colunas em perfeita cobertura. Após a passagem de todos os alunos, o aluno chamado regressa, também, ao seu lugar, (competição).

II - JUCOS:

a) Grande jogo - TRÊS PARTIDOS

Material:- Uma bola de voleibol, menos cheia do que o comum.

Formação:- Retângulo de 18m x 12m, dividido em três campos iguais e contíguos, cada qual ocupado por um dos três partidos. Cada grupo espalha-se dentro do seu campo, sendo a bola entregue a uma das equipes extremas.

Desenvolvimento:- Ao sinal de início, os jogadores dos dois partidos extremos tentam atingir com a bola as pernas dos adversários que estão no centro. Todos os atingidos são excluídos. Quando o último jogador do partido central é eliminado, troca de lugar com uma das equipes que estavam atacando, até todos passarem pelo campo central. Não tem valor os lançamentos que atingem uma criança acima da cintura, bem como os feitos por um jogador situado fora de seu campo, ou que tenha dado mais que um passo com a bola na mão. A bola que parar dentro do território central é entregue a um atacante, para que se dirija à linha do fundo do seu campo para arremessá-la, pondo-a de novo em jogo.

Contagem de pontos:- Ganha a equipe que mais tempo gastar para a eliminação dos seus jogadores.

Objetivos educacionais específicos:- Boa atitude na competição entre grupos - Habilidade de arremessar a bola em alvo móvel - Rapidez de reação - Iniciativa - Atenção dividida - Habilidade de pular.

b) Jogo calmante - PESCARIA

Formação:- As crianças formam uma roda, mantendo os braços estendidos para o centro, com as palmas das mãos voltadas para cima. No meio do grupo fica um "pescador".

Desenvolvimento. Ao sinal de início o pescador põe-se a tentar dar tapinhas nas mãos estendidas dos companheiros da roda, ou seja, "apanhar peixinhos". Cada criança, por sua vez, procura defender-se, encolhendo os braços o mais depressa possível, apenas quando se vê ameaçada. Quem se deixa "pescar" passa de "peixe" a "pescador", indo este ocupar o seu lugar na roda. (Segundo o grau de desenvolvimento das

crianças, o "pescador" deve bater ordenadamente em torno da roda (na esmo).

Objetivos educacionais específicos:- Agilidade - Rapidez de reação - Boa atitude ao mudar de papel - Iniciativa - Perseverança.

III - Exercícios imitativos rítmicos:- Assentados, em círculo, imitarão a professora, que estalando os dedos (como castanholas) dará diferentes ritmos.

3º P L A N O

Local:- Área livre

Duração:- 30 a 40 minutos.

I - Aquecimento:- "Lance a bola e saia".

Material:- 1 bola.

Formação:- Colunas. Cada coluna representando um grupo, dividida em duas turmas. (A e B), frente a frente e separadas por um espaço de 4 a 5 metros.

Desenvolvimento:- O aluno (o primeiro) da turma "A" lança ao primeiro da turma "B", o primeiro da turma "B" lança ao segundo da turma "A" e vai, igualmente, se colocar à retaguarda da coluna "A"; assim sucessivamente, continuam lançando a bola e se deslocando de uma turma para outra, até que ambos tenham trocado de lugar, retificando a cobertura (competição).

II - JOGOS:

a) Grande jogo: "TETHERBALL"

Material:- Uma bola.

Local:- Terreno amplo. Um retângulo dividido em quatro partes.

Número de jogadores: Par.

Formação:- Jogadores distribuídos em dois partidos e esses em duas seções, ocupando, alternadamente, o campo. A bola caberá por sorteio, a um dos partidos.

Desenvolvimento:- Ao sinal dado, o jogador que está de posse da bola, atira-a a outra seção do seu partido, arremessando-a por cima da cabeça dos adversários do campo vizinho, os quais saltam, tentando apanhá-la, a fim de, por sua vez, enviá-la aos seus companheiros, no outro campo.

Contagem de pontos:- Cada vez que a bola passar de uma seção à outra do mesmo partido e voltar, sem tocar no chão, confere-se um ponto a esse partido. Vence o partido que fizer 10 pontos, em primeiro lugar. Quando um dos partidos fizer 5 pontos os grupos aliados mudam de posição. Se for transposta a linha que divide as seções ou a bo-



la é jogada fora dos limites do campo, entrega-se a mesma para um dos jogadores adversários.

Objetivos educacionais específicos:- Agilidade - Iniciativa -
Cooperação - Habilidade de pular.

b) Jôgo calmante: O LIMÃO

Formação:- Crianças assentadas, em círculo e numeradas seguidamente.

Desenvolvimento:- O professor iniciará o jôgo dizendo: "Um limão, meio limão, 3 limões". A criança cujo número é 3 deverá repetir "Um limão, meio limão, ...limões. (Exemplo 2 limões). O número 2 prosseguirá repetindo a mesma coisa, porém, chamando outro número. E assim por diante, até que todos sejam chamados. Quem errar irá para o centro, até que seu número seja chamado outra vez. Se repetir certo, voltará para seu lugar, caso contrário permanecerá no centro.

Objetivos educacionais específicos:- Atenção. - Desembaraço de linguagem - Memorização - Iniciativa.-

III - Exercícios de ordem: Marchar assoviando uma melodia cívica.

Da Revista:
ESPORTE E EDUCAÇÃO

-o-o-o-

-o-

N O V A M E T A

Num carater essencialmente pedagógico estará logo em função de Supervisoras, um grupo de colegas educadoras recreacionistas, educadores musicais e professores de educação física.

Logo de início participarão os elementos de uma "Semana de Estudos", de 27 de outubro a 8 de novembro, a fim de bem planejar o trabalho que irá ser executado. Da mesma constarão os seguintes temas:

- 1 - Metas do Departamento de Educação e Recreio;
- 2 - Relacionamento humano;
- 3 - Planejamento - Parque Infantil;
- 4 - Planejamento - Atividades da Supervisão;
- 5 - Avaliações - Unidade - Supervisão - Educando;
- 6 - Entrosamento: Supervisão - Direção.

Os melhores votos de um excelente trabalho!

*/**/**/*

*/**/*

SEMANA DE ESTUDOS SOBRE A LEI 5 692 o
DE 11/8/1971



Realizou-se na Câmara Municipal de São Paulo a "Semana de Estudos sobre a implantação da Reforma do Ensino de 1º e 2º graus, na Área Metropolitana de São Paulo". De início temos que salientar a participação magnífica de professores de alto gabarito, conferencistas, bem como altas autoridades presentes, do nosso Estado e de vários estados do Brasil. Estiveram também presentes vários elementos da OEA.

Foi uma promoção da Câmara Municipal de São Paulo, sob a presidência do vereador Paulo Soares Cintra e coordenação do vereador Mário Osassa.

ASSUNTOS FOCALIZADOS

- dia 12/10 - "Aspectos gerais da implantação da reforma: recursos financeiros, humanos e materiais.
Profª. Esther de Figueiredo Ferraz, Secretária da Educação do Estado.
- dia 14/10 - A formação e o treinamento de professores e especialistas de Ensino de 1º grau.
Profº. Laerte Ramos de Carvalho, Diretor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- dia 19/10 - A Municipalização do Ensino de 1º grau.
Profº. Carlos Corrêa Mascaro, Assessor da Secretaria de Educação do Estado.
- dia 21/10 - Aspectos doutrinários da Reforma de Ensino de 1º e 2º graus.
Profº. Walmir Chagas, substituído pela Profª. Maria Iracilda Robert.
- dia 22/10 - O Ensino Municipal face à Reforma.
Profº. Paulo Nathanael Pereira de Souza, Secretário de Educação e Cultura do Município.

Tôdas as conferências foram seguidas de debates.

Não pedemos deixar de assinalar o entusiasmo dos professores e educadores que se fizeram presentes em tôdas as conferências.

O Departamento de Educação e Recreio fêz-se representar pela sua Diretora, Dª. Maria Aparecida Rodrigues Cintra, Chefe de Divisão e Seções e cerca de cem educadores e dirigentes de Parques Infantis e Centros da Juventude.

Parabéns à Câmara Municipal de São Paulo e votos de fé inabalável nos educadores desta terra!

Tudo nos leva à firme convicção de que teremos muita luta e muita conquista!



X CONGRESSO NACIONAL
DE
PROFESSORES PRIMÁRIOS

Realizar-se-á em Salvador, na Bahia, de 18 a 24 de janeiro de 1972, um Congresso sobre a Reforma da Educação-Ensino de 1º grau, patrocinado pela Confederação dos Professores Primários do Brasil, C.R.P.B. através da Sociedade Unificadora de Professores Primários da Bahia, — S.U.P.F.B.

O Centro do Professorado, valendo-se da oportunidade, está organizando uma excursão para os participantes.

Os interessados deverão se dirigir ao Centro, Rua Antonio de Gadoy, 35 - 1º - sala 104, até 30 de novembro.

//*/*/*/

//*/

DIA DO PROFESSOR

Dia 14 de outubro p.p., às 10 horas, no Ceri, reuniram-se autoridades e centenas de Educadoras, comemorando o grande dia.

Houve apresentação de vários números de ginástica rítmica, entrega de certificados e finalizando o Sr. Secretário de Educação e Cultura, com muita propriedade, exaltou o valor do Mestre.

//*/*/*/

//*/

ANIVERSARIANTES DE NOVEMBRO E DEZEMBRONOVEMBRODias:-

- 3 - Lucia Fanganiello C. Fernandes - Dirigente - P. I. 109
 3 - Ivanilde Giopato - Dirigente - P.I. 74
 2 - Elza Marques Jung - Dirigente - P.I. 34
 14 - Maria do Carmo La Corte Fugeri - Dirigente - P. I. 91
 15 - Maria Amélia Fernandes - Dirigente - P. I. 16
 15 - Lya de Oliveira - Dirigente - P. I. 67
 17 - Maria Anunciação P. Tolentino - Dirigente - P.I. 72
 19 - Edwiges Palo Haydamus - Dirigente - P. I. 52
 21 - Terezinha Corasy de Godoy - Dirigente - P. I. 83
 23 - Marly Galantê Cunha - Dirigente - P. I. 11
 25 - Luci Garcia Salgado - Dirigente - P. I. 49
 26 - Ney Araujo O. Carrieri - Dirigente - P. I. 2
 30 - Nair Correa Buarque - Dirigente - P. I. 92

DEZEMBRODias:-

- 5 - Maria Inês Ferreira - Dirigente - P. I. 33
 12 - Vilma Malavolta - Dirigente - P. I. 32
 19 - Iracema Dozzo de Brito - Dirigente - P. I. 89
 22 - Silvia Cardoso da Silva - Dirigente - P. I. 18
 22 - Silvia Varoni de Castro - Dirigente - P. I. 88
 25 - Emilia B. Silva Thé - Dirigente - P. I. 70
 29 - Maria Léa Marzagão Bherings - Dirigente - P. I. 40

* / * / * / * / *

* / * / *

Mimeo. E. D. Polachini